

9º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 14

1ª leitura (Antigo Testamento) - Deuterônimo 8: 1-10

O livro do Deuterônimo, cujo significado literal em grego é “segunda lei”, é uma reedição da lei (ainda durante o período da monarquia), principalmente daquelas leis que se encontram no livro de Êxodo a partir do capítulo 19 e no livro de Números, não a de Levítico que é claramente pós-exílica (quando não há mais monarquia em Israel). Há uma grande polêmica sobre a razão desta reedição. A explicação mais comum é que quando aconteceu a divisão dos reinos em 931 a.C. (1 Rs 12) houve a necessidade por parte do novo reino do norte de fazer sua própria versão da lei (o que fica evidente principalmente pelas duas versões dos Dez Mandamentos em Êx 20 e Dt 5).

Outra possibilidade é que o Rei Josias, que alega ter encontrado este livro da lei escondido no Templo de Jerusalém, tenha de fato criado completamente esta reedição para justificar suas reformas (cf. 2 Rs 22: 8-10). De fato, se não fosse pela reforma do Rei Josias e do sacerdote Hilquias, este livro chamais teria entrado no cânon bíblico. Mesmo que seja verdade que Hilquias e Josias acharam este livro não cabe dúvida que nesta época foram acrescentadas muitas leis visando adaptar a versão original (possivelmente nortista, concentrada em Dt 12-24) à nova realidade onde Reino do Norte já não existia e buscava-se a reunificação de Israel.

O texto deste domingo faz parte do marco legal dado pela reforma de Josias. Não deve se estranhar que todas as leis, mesmo aquelas bem posteriores, sejam enunciadas como se fossem ditadas pelo próprio Moisés (tido como pai de todas as leis de Israel). Este tipo de atribuição a figuras fundantes de uma tradição é comum na antigüidade.

Possuir a terra (v.1) na época de Josias deve ser lido como reunificar Israel que tinha sido antes dividido pela divisão dos reinos e depois destruído pela queda do reino do norte nas mãos dos assírios (2 Rs 17:3-23). O tempo do deserto podia ser comparado, na época de Josias, aos anos de domínio do Império Assírio sobre Israel e Judá (v.2-5). E finalmente os versículos 7 a 10 são a promessa popular da reforma de Josias, isto é, se o povo seguir os mandamentos da reforma josiânica virão tempos de fartura nunca vistos. É uma pena que a leitura não inclua os versículos 11 a 20 pois ali se descreve o que aconteceu a Israel e Judá que tendo se enriquecido se esqueceram do Deus libertador (especialmente o versículo 14 que cita a introdução dos Dez Mandamentos em Dt 5:6).

A reforma de Josias de fato despertou as esperanças que estavam no coração de um povo que durante a maior parte da sua história tinha sido explorado pelos seus próprios governantes e/ou por nações estrangeiras (v.2). O Deuterônimo como programa destas reformas mostra que Deus sempre quis ver seu povo feliz, farto, unido e nunca escravo no entanto isso só é possível quando há um compromisso coletivo na construção de uma vida melhor. (HMG)

2ª leitura (Epístola) - Efésios 4.25 a 5.2

Encontramos um resumo da exortação para que a Igreja não entristeça o Espírito Santo, resistindo-lhe à sua ação. É importante se lembrar do que o autor da Carta havia dito no início que serve de fundamentação geral da exortação. Somos poema (feitura) de Deus... para que andássemos nas boas obras, às quais Deus preparou (3.10). Esse poema é comunidade da paz pela reconciliação da Cruz, paz entre povos outrora inimigos, é, também, comunidade de concidadãos do Reino, nova humanidade (2.15; 4.24). Essa comunidade recebe dons, pessoas, liderança para que esse poema tenha expressão missionária. Tudo isso teve sua anterioridade na graça de Deus antes da fundação do mundo como se ouviu no capítulo 1.

O trecho designado para hoje tem como seu contexto imediato a passagem do velho homem (humanidade) para a nova humanidade. A figura é despir-se da velha humanidade já desgasta e rota e revestir-se do novo, que é Cristo (4.22,24). É uma metáfora batismal com implicações no modo de viver (éticas).

O vs.25 contém uma citação de Zc 8.16 - dizer a verdade uns aos outros, verdade no tribunal (nas portas) que restabeleça a paz e não alimentar nos corações nenhum propósito de fazer o mal.

Falar a verdade está em contraste com a falsidade que é vida falsa, o modo de ser falso, baseado no engano. Dizer a verdade é viver de modo que transpareça no modo de ser a verdade que é Jesus (4.21) e que leve em consideração uns aos outros como membros de Cristo, ética no contexto da eclesiologia como comunhão. Dizer a verdade é relacional, não é alguma coisa fria, nem "denuncismo", denúncia por denúncia, que pensa terminar ali o cumprimento da missão. Não se trata, por outro lado, de dizer coisas agradáveis, só coisas positivas e esconder a verdade. A verdade em Jesus tem o lado da construção da relação e comunidade em amor e justiça, isto é, como membros uns dos outros.

Vs.26 irar, mas não pecar... Sl 4.4 (Irai-vos, mas não pequeis ou tremei ou estremecei), uma atitude diante da adversidade. O salmo exorta para que tenha confiança em Deus e em paz medite, e, nesse sentido, guarde silêncio). A ira existe de fato, admite o autor. Há, na verdade, indignação contra a injustiça cometida contra outrem...A ira é deixada para Deus e Ele sabe o que fazer. Assim, corta-se pela raiz a tentativa de justificar as reações violentas que aumentam a violência até o nível incontrolável. Há exortação aos pais para não provocar a ira dos filhos, ver 6.4. O dia da ira de você é, também, o dia da reconciliação... Por isso, não deixe a raiva passar além do pôr-do-sol. Não seja a ira a ocasião para o pecado entrar sorratamente na situação.

Quem furtava... talvez houvessem ex-ladões na comunidade, mas agora são novas criaturas, santos de Deus. O importante é que a expressão "quem furtava" está em contraste com o trabalho manual e isso parece indicar o significado do termo, isto é, o desejo de enriquecer-se sem trabalhar, aproveitando-se dos outros. O sentido é um pouco mais amplo do que simplesmente tirar alguma de alguém. A nova humanidade tem um estilo de vida que leve em consideração a outrem. O preconceito contra o trabalho manual e a idéia de "superioridade" do "colarinho branco" é ainda existente. Foi no judaísmo e no cristianismo que o trabalho manual foi dignificado,

conforme Hannah Arendt. O sentido do texto é mais do que simplesmente furto.

Vs.29 - palavra torpe... torpe se refere a tudo que é podre...árvores, frutas, semente, peixes. Palavras com sal (Cl 4.6) e boas (em Ef 4.28) são contrapartida do torpe. A boca é considerada esguicho, a torneira da fonte. Na antropologia bíblica a boca representa todo o corpo e revela o homem como um todo. Ver Mt 15.11 O fruto dos lábios, o discurso revela a qualidade da pessoa. A conversa torpe corrompe o homem todo e manifesta a corrupção (ver Is 57.19; Mt 7.17ss; Is 6.5; Tg 3.12ss). Também, a Bíblia conhece casos de discrepância reconhecida entre o discurso e o coração (Is 29.13; Sl 78.36ss; Mt 15.8) Aqui é preciso não confundir falsidade, palavras vãs com o não ter visão crítica. Não é dizer apenas coisas agradáveis ou deixar de ter visão crítica ou dizer apenas os aspectos positivos. Ainda essa questão tem relevância hoje quando se discute o papel da mídia, e de qualquer comunicação. Na Igreja há tendência de louvar e criticar as pessoas sem um bom discernimento. A Igreja é o local onde se deve começar o uso responsável e verdadeiro da palavra.

Edificação - a conversa seja de modo que transmita a graça e paz de Deus. O diálogo é sacramental, sinal externo e visível da graça.

Vs.31-32 Do estado interior do coração passa para a sua expressão externa. A motivação é o perdão divino. Amargura é a atitude que cria a ira duradoura e dificulta a reconciliação. Gritaria é falta de argumentação sóbria.

Longe de vós, (sejam tirados). É bom se lembrar de que foi o testemunho de João Batista que apontou para Jesus, eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, (em Jo 1.29,35 o mesmo verbo de Ef 4.31). Deus já tirou a maldade, por isso, se despojem... assumam. Deus em Cristo vos perdoou, por isso, andem como uma comunidade perdoada, membros uns dos outros. Então, o vs. 30 - não entristeçais o Espírito Santo... vem lembrar-nos do que o autor disse no vs.4ss. É a unidade na comunhão do Espírito Santo expressa na vida relacional do povo de Deus e articulada em termos éticos.

Tudo isso se resume na imitação de Deus. Imitar a Deus é viver no amor com que Cristo se entregou a Deus por nós como oferta, o aroma agradável que sobe a Deus. A base da imitação de Deus está em revestir-se de Cristo (implicação batismal). Vestir a "camisa de Cristo" é ter parte na bondade de Deus (vs32). (ST)

Santo Evangelho - João 6.37-51

Só em anos recentes eu me apercebi que meus olhos já não eram mais os mesmos. Quando eles começaram a reagir mal com a presença de muita luz e quando eu me vi franzindo a testa para poder enxergar melhor algo que estava mais distante, é que me dei conta que o peso dos anos estavam atingindo também meus olhos. Os olhos se prestam a uma metáfora muito bonita justamente porque há muitas formas de olhar. Há o olhar sereno e tranqüilo e o olhar agitado. Há o olhar esperançoso e o olhar perdido. Há pessoas que olham com amor e outros que olham com ódio. Quando vemos Jesus também é possível identificar nosso olhar. É preciso, portanto, que sempre estejamos conscientes de um questionamento. Com quais olhos estamos vendo Jesus?

Em primeiro lugar é possível vê-lo com *os olhos da familiaridade*. Quando ele começou a ensinar sobre que era, quando começou a realizar as obras para as quais foi enviado por Deus, imediatamente surgiram reações. Alguns, diz o texto, murmuravam (v. 41) e diziam: “não é Jesus o filho de José? Acaso não conhecemos seus pais e sua família?” (v. 42). Este primeiro olhar, o olhar da familiaridade, nos torna insensíveis diante do milagre ou do tremendo. Este é olhar que muitos médicos têm quando saem de uma sala de parto. Eles acabaram de ver a vida surgir, mas isto já não lhe diz nada. Eles estão acostumados com o milagre. É também o olhar do médico que vai dizer da morte de alguém à sua família. Ele está acostumado com a morte, isto já não lhe toca. Quando estamos acostumados com Jesus, quando estamos familiarizados com o sagrado, reagimos da mesma forma. Nós o conhecemos e sabemos que ele não é o que está dizendo. Não, dizemos, este homem eu conheço desde criança...ele é assim mesmo, não tem jeito. Que pena!

Em segundo lugar, é possível vê-lo com *os olhos da crítica*. Se ele esteve conosco durante toda sua infância e juventude, como é que agora ele aparece e diz ser o “pão do céu?” Como ele diz que veio do céu se sempre esteve conosco? Como podemos acreditar naquele com o qual nos familiarizamos se nosso raciocínio empírico nos diz outra coisa? Sim, de fato, há uma certa lógica nesta argumentação. Mas nesta lógica, não há espaço para o milagre. Nesta lógica não há espaço para o transcendente, nesta lógica não há espaço para o imponderável, para aquilo que fuja do normal e do convencional. Este é o problema, Deus não é convencional. A ciência procura conhecer para dominar tudo e Deus não pode ser objeto da ciência ou da lógica. Um Deus compreendido, não é um Deus. O olhar da crítica é importante, mas pode nos levar à derrocada ministerial.

Finalmente, é possível e desejável vê-lo com *os olhos da fé*. Vê-lo com os olhos da fé é permitir que Deus nos dirija em um outro tipo de aprendizado. Diz o texto: “todo aquele que, da parte do Pai, tem ouvido e aprendido, este vem a mim” (v. 46) Este texto fala de uma ação mística de Deus iluminando os que crêem. Os que exercem fé em Cristo são aqueles que crêem (v. 47) e comem (v. 50) deste pão.

Lembro-me do ministério do jovem Barth na Suíça. Toda sua erudita exposição da teologia oitocentista em nada ajudava aos seus paroquianos. Mas seu encontro com Kierkegaard o fez perceber a importância da crise e da fé, mas de uma fé que exige um salto nas mãos de Deus. Que o olhar com fé seja uma constante em nossa existência. (JLFA)